

TRATA-SE DE um fato que ocorreu na Revolução Francesa. Um fato que influenciará, de forma decisiva, nossas ideias de liberdade. Ele ocorre em um asilo para loucos em Bicêtre, na periferia de Paris.

Há de se pensar no fato de uma dimensão fundamental de nossa concepção de liberdade se definir exatamente em um asilo periférico, em um lugar até então obscuro e profundamente violento. Lugar de invisibilidade, no qual aqueles que lá entravam eram destinados ao desaparecimento social.

Pois até então, asilos dessa natureza eram depósitos humanos, nos quais eram acorrentados indefinidamente aqueles descritos à época como “dementes”, “insanos”, portadores de “vesânicas” juntamente com libertinos, pequenos criminosos, entre outros. Local no qual se aplicava toda forma possível de coerção física e brutalização, o que era apenas uma das consequências de as práticas clínicas serem baseadas no que deveríamos chamar de “estratégias de dessubjetivação”.

No interior de tais estratégias, a loucura era vista como uma perda da humanidade, uma regressão em direção à animalidade. Por isso, não se tratava de ver diante de nós um sujeito, mas alguém cuja fala seria apenas fruto da perda absoluta da razão, cujos atos não teriam nada a respeito do qual deveríamos compreender, cujos comportamentos seriam puramente condicionados.

Mentes aprisionadas pela compulsão, pelo delírio, possuídas pelo que eliminaria de vez qualquer pos-

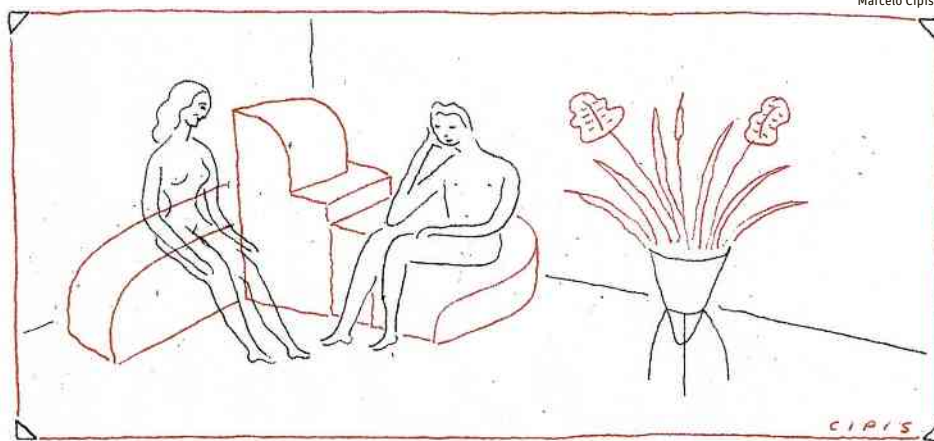
sibilidade de autonomia.

Foi neste contexto que um médico, imbuído dos ideais iluministas e recém-nomeado à frente do asilo de Bicêtre, decide desacorrentar os loucos. Seu nome era Philippe Pinel.

O princípio fundamental da prática clínica defendida por Pinel se baseava na afirmação de que a loucura não era a exclusão absoluta da razão, mas seu enfraquecimento.

Assim, toda intervenção clínica só poderia ser bem-sucedida à condição de apelar a essa espécie de razão enfraquecida. Um apelo que não poderia ocorrer se o médico e a instituição asilar fossem sinônimos

VLADIMIR SAFATLE



Marcelo Cipis

CIPIS

**Não é possível que em 2017 ainda se imagine que drogaditos sejam possuídos e não devam ter autonomia**

de violência e de brutalidade.

Pois a doença mental é, de certa forma, uma rebelião fracassada contra a própria ordem médica e disciplinar que procura “cura-la”. Há de se saber lidar com o sentido de tal rebelião, com seu conteúdo de verdade e com sua força produtiva.

Diante da proposição de desacorrentar os asilados feita por Pinel, a Assembleia Nacional decide

enviar uma comissão para o asilo. Encabeçada por Couthon, ela se assusta ao contato com os loucos acorrentados. “Cidadão, você deve ser louco para querer libertar loucos como esses”, diz Couthon. “Eles agem dessa forma porque os privamos de sua liberdade”, responde Pinel. “Faça como quiser, mas temo que você será vítima de sua própria presunção.”

Bem, foi graças a essa presunção que não apenas começou a história da psiquiatria moderna, mas também a longa e turbulenta história da experiência da liberdade como condição para a emancipação diante

do sofrimento psíquico.

O gesto de Pinel, mesmo que limitado (como mostrará Foucault), foi decisivo para que as relações entre razão e loucura fossem repensadas, para sermos mais sensíveis à maneira com que a ideia de razão presente no senso comum é baseada em mecanismos profundos de exclusão e violência. O gesto de Pinel e sua exigência de ressubjetivação vale para todas as práticas clínicas que queiram lidar com o sofrimento psíquico, seja ele a esquizofrenia, a angústia ou a drogadição.

Não seria possível esquecer desse momento fundador de nossas expectativas de emancipação e liberdade diante do tipo de barbarismo que a cidade de São Paulo assistiu nos últimos dias ao se deparar com o desejo de internação forçada de sujeitos com drogadição.

Barbarismo bem sintetizado nas palavras de seu “prefeito”: “Não é possível imaginar que um dependente químico tenha capacidade autônoma. Está possuído pela droga”. Bem, retirem “dependente químico” e coloquem “louco”, retirem “droga” e coloquem “loucura” e vocês entenderão para que época regredimos.

Na verdade, o que não é possível é que, em 2017, ainda se imagine que drogaditos sejam possuídos (o vocabulário teológico não está aqui por acaso) e que as pessoas não devem ser tratadas por meio de uma aliança com seu desejo de autonomia. Mas quem interna à força e o faz em nome da “autonomia” devia tentar descobrir o que é o velho princípio de não contradição.

COLONISTAS DA SEMANA: sábado: Mario Sergio Conti, domingo: Cristovão Tezza, segunda: Luiz Felipe Pondé, terça: João Pereira Coutinho, quarta: Marcelo Coelho, quinta: Contardo Calligaris

# Rodrigo Andrade engana o olhar com telas encharcadas de tinta

Nova série do artista embaralha fundo e figura, dando mais peso a tudo que estaria ausente

**Menos realistas e mais próximas do desenho animado, obras agora na Millan refletem horror diante do vazio**

SILAS MARTÍ  
DE SÃO PAULO

Duas cavernas desenhadas na parede abrem a mais nova mostra de Rodrigo Andrade. Mas essas portas enganam. Em vez de fendas, esses são corpos volumosos, que saltam da superfície do muro em camadas grossíssimas de tinta, um fantasma ou ausência que parece se materializar.

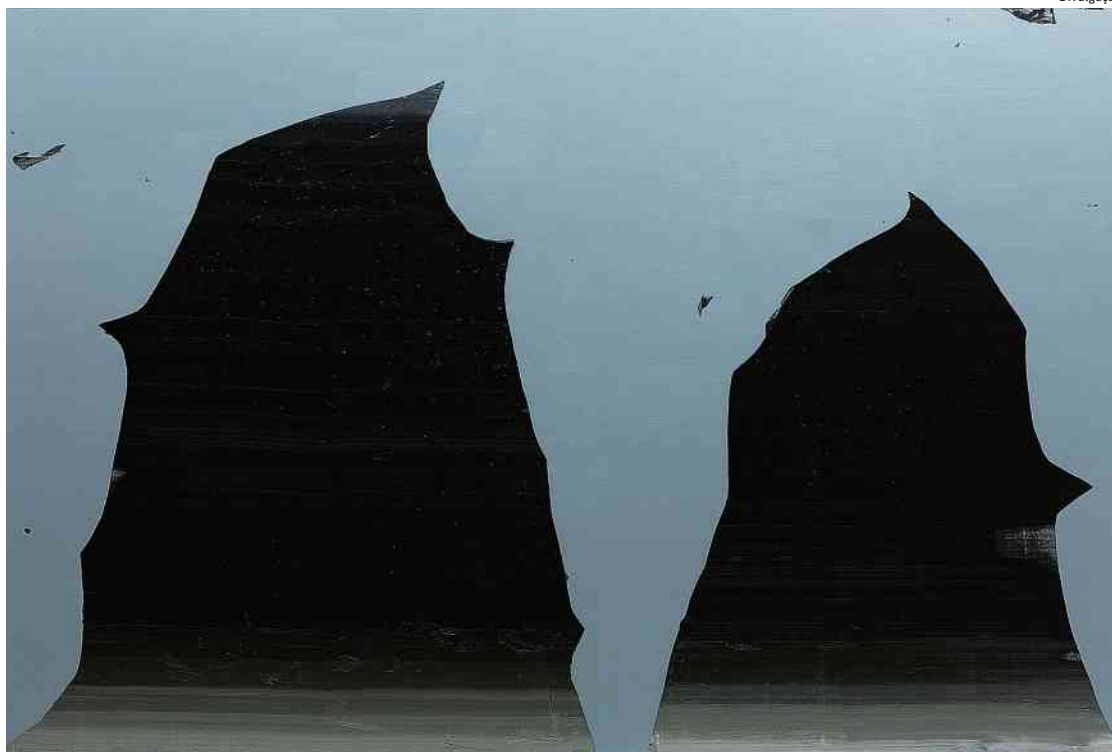
Elas lembram os falsos túneis ou alçapões pintados como armadilhas em desenhos animados, compondo um arsenal “trompe l’oeil”.

Nos dois espaços da galeria Millan, em São Paulo, Andrade articula uma exposição em três movimentos —paisagens, abstrações e figuras. Todos, no entanto, são regidos pelo mesmo “pensamento binário”, nas palavras do artista.

Dois personagens se enfrentam, dois campos chapados de cor se confrontam, como placas tectônicas que se roçam criando cordilheiras cromáticas, enquanto figura e fundo se invertem nas representações de florestas e cavernas, onde aquilo que está mais longe, mergulhado na escuridão, na verdade é o que mais salta da superfície do quadro.

“É um buraco que tem corpo”, resume o artista. “Um oco que ganha um corpo.”

Um dos nomes mais relevantes da pintura no país, Andrade se firmou ao longo das



Divulgação

‘Duas Cavernas’, obra de Rodrigo Andrade agora em mostra individual do artista nas duas sedes da Millan, em São Paulo

últimas três décadas com uma reflexão sobre o peso da tinta, exaltando a materialidade de um quadro antes condenado a uma superfície chapada.

Nesse sentido, suas telas se tornam quase esculturas, com elementos que saltam da parede em massas de cor. Mais do que visual, a sua é uma pintura tátil, que seduz os sentidos ao mesmo tempo em que desafia a gravidade.

Mas algo mudou. Depois dos cenários urbanos mergulhados na escuridão que mos-

trou na Bienal de São Paulo há sete anos, Andrade aboliu o realismo daquelas cenas e agora assume um ar quase caricato, reduzindo o mundo a silhuetas rudimentares.

**INOCÊNCIA VULGAR**

Ou vulgares. “É como se eu tentasse ser o mais vulgar possível, o mais iconoclasta”, afirma. “Eu me separei da imagem fotográfica, mas não é que já tivesse um esquema pronto. Era um desejo de injetar inocência no trabalho.”

Inocentes ou não, essas novas telas, por mais que evoluem desenhos animados, ainda habitam a mesma frequência soturna e carregada que marca a obra do artista.

No fundo, Andrade busca na materialidade da pintura um alicerce, como se fizesse aflorar em cada quadro a robustez de uma arquitetura que às vezes ameaça se desmanchar no ar. Em vez de delinear esqueletos e estruturas, suas telas se refestelam na pele e na carne, dando a

mesma carga e o mesmo corpo a todos os cheios e vazios.

Mas essa sua obsessão pelo excesso, no caso, talvez não passe de uma confissão de seu horror diante da ausência, a sensação de pânico à beira do abismo de uma realidade que se faz cada vez mais rarefeita.

**RODRIGO ANDRADE**

QUANDO de seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., 11h às 18h; até 19/7  
ONDE Millan, r. Fradique Coutinho, 1.360, tel. (11) 3031-6007  
QUANTO grátis

## MULTITELA

TERRINHA

**Portugal é destino de programa que faz listas pelo mundo**

Titi Müller desembarca em Portugal para a quarta temporada do “Anota Ai – Os 10 Mais”. Nos 13 episódios inéditos, ela, que já esteve em 31 países, vai passar por lugares como Lisboa e a Ilha da Madeira, sempre fazendo alguma lista diferente, como “10 Programas à Beira-Mar” e “10 Pratos Típicos Incríveis”. (DI-EGO BARGAS) Multishow, 18h30, Livre



Divulgação

Titi Müller em Portugal

**CULINÁRIA COZINHA COLORIDA DA KAPIM**

A nutricionista Gabriela Kapim aborda a alimentação saudável das crianças. Hoje, opções para festinhas de aniversário com legumes e castanhas. GNT, 21h, Livre

**DOCUMENTÁRIO MISH MASH - A PRESENÇA JUDAICA NO BRASIL**

Caco Ciocler é o personagem da vez nesta série documental sobre judeus brasileiros. Ele decidiu ser ator enquanto participava de grupos de teatro da comunidade judaica. Curta! 23h30, Livre

CINEMA 1

**Após adiamento, Cine PE ganha nova data**

O festival Cine PE, que começaria em 23 de maio no Recife, foi adiado após sete participantes pedirem a retirada de seus fil-

mes da programação por haver longas “de direita” no cardápio. Remarcado, o festival será realizado de 27/6 a 3/7.

CINEMA 2

**Líbano barra Mulher-Maravilha israelense**

O Ministério do Interior do Líbano proibiu a estreia de “Mulher-Maravilha” nos cinemas porque a atriz israelense

Gal Gadot, 32, interpreta o papel principal, afirmaram uma fonte ministerial e uma autoridade de segurança.

**É HOJE!**

**TEATRO FESTIVAL YESU LUSO**

HORÁRIO a partir das 15h  
ONDE Sesc Ipiranga, r. Bom Pastor, 822, tel. (11) 3340-2000

QUANTO grátis a R\$ 30

➤ A mostra de teatro português começa com bate-papo entre Rui Madeira, Eduardo Tolentino e Marco Antonio Rodrigues, às 15h, e sessão de “Um Píccasso”, da Cia. de Teatro de Braga (21h)